

Quando se trata da “Fundamentação da Metafísica dos Costumes”, de Kant, uma das discussões que frequentemente se repete, refere-se ao método adotado. Como no último parágrafo da segunda seção, Kant declara que as duas primeiras seções foram puramente analíticas e que “para estabelecer que a moralidade não é uma quimera vã é preciso admitir um possível uso sintético da razão pura prática” (4:445), não nos cabe, pois, discutir qual método ele usou nem onde, apenas ‘como’ e ‘porque’. Procurando-se realizar uma análise dos pontos a elas relacionados a partir de uma visão do próprio Kant, serão tratadas questões como: a) porque ele precisou abandonar a metafísica e embrenhar-se numa crítica da razão pura prática: b) que relações existem entre esses campos de estudo e os métodos anunciados e c) que razões o levaram a dividir o trabalho em três seções ao invés de duas, como seria facilmente inferido da sua intenção de realizar os dois movimentos acima citados. Com base nos textos “Prolegômenos a toda a metafísica futura”, “Investigação sobre a evidência dos princípios da teologia natural e da moral” e a “Lógica” (de Jäsche), em que Kant discorre sobre os métodos analítico e sintético, procurar-se-á tanto estabelecer os conceitos desses métodos como mostrar a relação existente entre o analítico com a metafísica e entre o sintético e a crítica. Para entender porque Kant dividiu a “Fundamentação da Metafísica dos Costumes” em três seções, creio o melhor caminho seria procurar conceber o plano que está por trás dela. Apesar de não ser minuciosamente discutido, podemos encontrar indicações das suas pretensões. Defender-se-á que a divisão em três partes é anterior à escolha do método e que esta é uma decorrência daquela e que há uma perfeita relação entre os campos de estudo e os métodos escolhidos.